

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Tribuna da Imprensa (R.J.)*

Class.: 13

Data *2 de setembro de 1985*

Pg.: \_\_\_\_\_

## Multinacionais usam missões no contrabando de pedras

*As multinacionais da fé, travestidas de "generosidade", se envolvem com o roubo de pedras preciosas e metais nobres. Em suas "peregrinações para salvar almas em regiões inóspitas", levantam as áreas em que estão depositadas as maiores reservas de riquezas. Depois, tudo fica mais fácil para as empresas entrarem em ação com o aval de gente do Governo.*

Os constituintes que serão eleitos em 1986 deverão ficar atentos a um fato de fundamental significado para o futuro do Brasil: o controle, por grupos multinacionais, da maioria das reservas internas de minerais. Essas empresas visam, principalmente, os chamados minérios estratégicos, que começam a escassear.

A participação do capital estrangeiro na produção mineral brasileira vem crescendo anualmente. Em, 81, as multinacionais detinham 40% da produção. Em 82 esta participação subiu para 42%. Isto sem que o governo tomasse conhecimento ou, em muitos casos, até colaborasse para esta exploração das riquezas da terra.

A importância do capital estrangeiro no setor mineral não é apenas quantitativa, mas também qualitativa, já que as transnacionais têm uma participação extremamente diversificada. Os 42% de participação total se tornam muito mais relevantes quando se descobriu que as multas controlam 55% de toda a produção de minerais metálicos no País.

Elas têm ainda uma participação em 85% da produção brasileira de minérios industriais não-metálicos, vitais às economias industrializadas. O controle pelo capital estrangeiro das principais substâncias extraídas do solo brasileiro é escandaloso, como mostra um estudo feito por técnicos do Centro de Tecnologia Mineral, em março de 1985.

### DOMÍNIO

Francisco Rego Chaves Fernandes, José Raimundo Coutinho de Carvalho e Ivan dos Santos Levy trabalharam em convênio com o CNPq e o Departamento Nacional de Produção Mineral. Eles pertencem também ao Núcleo de Inovação Tecnológica, da Ilha do Fundão. Pelos dados apresentados, pode-se constatar que as multinacionais dominam a produção dos mais importantes minérios.

**Ouro:** Toda a produção mecanizada de ouro no País está nas mãos da Mineração Morro Velho, empresa controlada pelo primeiro produtor mundial de ouro, o grupo multinacional sul-africano Anglo-American, em associação com o Bozzano Simonsen.

**Chumbo:** Toda a produção nacional é controlada pela multinacional francesa Imetal, através da Société Minière et Métallurgique de Penarroya. Esta poderosa sociedade tem jazidas de chumbo, zinco, prata e cádmio em diversos países do mundo. As jazidas brasileiras estão em Boquirá, no interior da Bahia, e foram descobertas por lavradores em 1953.

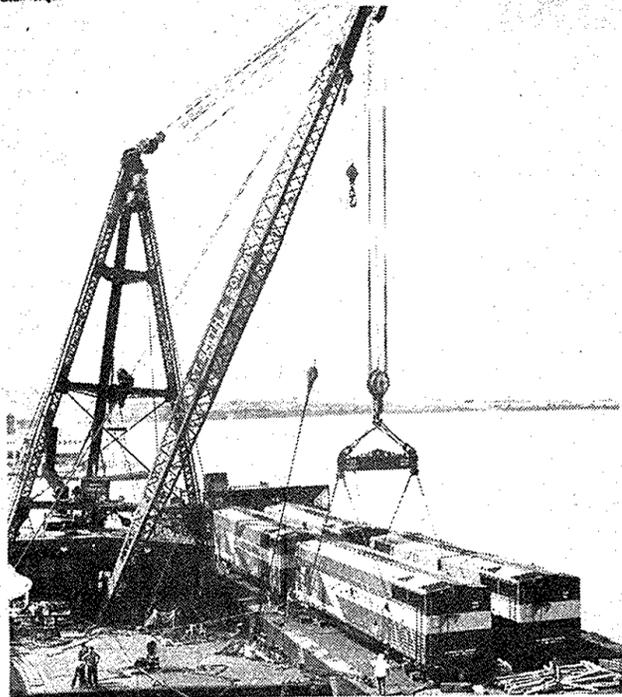
**Prata:** A Imetal (98%) e a Anglo-American (2%) dominam integralmente a produção deste metal nobre.

**Diamantes:** O grupo belga Union Minière controla 92% de toda a produção de diamantes brasileiros, além de outras participações na produção de zinco eletrolítico e de intensa atividade de pesquisa mineral em substâncias nobres.

**Níobio:** A produção nacional é totalmente dividida entre duas empresas com participação estrangeira. A primeira, uma joint-venture do grupo norte-americano Union Oil - Divisão Molycorp (45%) - com Moreira Salles (55%) e, a segunda, fica com a Anglo-American (ex-Hochschild).

**Berilo:** Substância fundamental pa-

Foto: Arquivo



ra a fabricação de chips para computadores. A extração é feita por garimpeiros e depois comprada e exportada pela empresa Brasimet, até o final de 1984 controlada pelo grupo Hochschild, sediado no Panamá, recentemente comprado pela Anglo-American.

**Tungstênio:** 55% da produção pertence ao grupo sul-africano Anglo-American e à multinacional norte-americana Union Carbide.

**Ferro:** O capital estrangeiro explora 48% da produção de ferro. Temos representação dos maiores grupos multinacionais siderúrgicos neste segmento: os norte-americanos Bethlehem Steel, a Utah Corporation, que é uma divisão da General Electric e a Engelhard (hoje uma subsidiária controlada pela Anglo-American); os europeus Arbed, Thyssen Estel-Hoesht, Krupp, Internatio Müller e Mannesmann, além de um consórcio japonês, onde se destaca a Nippon Steel.

**Níquel:** 85% da produção é controlada por capitais estrangeiros do grupo Anglo-American.

**Participação estrangeira na produção mineral brasileira vem crescendo ano a ano. Em 82, as empresas multinacionais detinham 42% da produção nacional, índice que hoje chega a 55%.**

**Baixita:** Cerca de 85% de toda a produção é realizada por empreendimentos com participação estrangeira. Cerca de 25% sob controle integral do grupo norte-americano Alcoa e o canadense Alcan. O restante da participação está agrupado no consórcio Mineração Rio do Norte, onde atuam a Alcan, a Reynolds e a Shell.

**Amianto:** A associação do grupo francês Saint Gobain-Point e Mousson com o belga Eternit, responde por 98% de toda a produção de fibras localizadas em Goiás, na mina da Canabrava, descoberta por lavradores em 1982.

**Água Mineral:** 30% da produção é controlada pelos grupos suíço Nestlé e francês Source Perrier.

**Barita:** O grupo norte-americano National Lead Industries controla 34% da produção.

**Estanho:** A associação dos grupos British Petroleum com o canadense Brascan responde por 24% da produção de estanho.

**Fertilizantes:** Os grupos estrangeiros controlam 30% da produção, dividida entre o sul-africano Anglo-American e o argentino Bunge Y Born.

**Flourita:** 35% da produção está nas mãos do grupo alemão Bayer.

### EXPANSÃO

No final de 1984, aconteceu uma grande transação entre dois grupos estrangeiros. O sul-africano Anglo-American Corporation comprou o grupo norte-americano Hochschild, envolvendo importantes empresas do setor mineral brasileiro sem que o governo tomasse conhecimento prévio. Depois desta transação, o Anglo-American passou de 8º para 4º lugar no ranking dos maiores grupos minerais do Brasil.

Além da Mineração Morro Velho, que produz todo o ouro mecanizado do País, a Anglo-American assumiu também 46% de toda a produção brasileira de minério de níobio; 31% do tungstênio; 35% do níquel; 20% dos fertilizantes e ainda a exportação de grande parte dos pegmatitos brasileiros (onde se inclui o estratégico berilo).

A multinacional sul-africana tem ainda a 3ª maior empresa na produção de máquinas e equipamentos, a Brasimet. Um dado de grande importância: a Anglo-American ganhou 35 decretos de lavra, 1.379 alvarás de pesquisa e 716 pedidos de pesquisa controlados por 52 empresas pertencentes ao mesmo grupo, além de uma grande empresa de pesquisa, a Unigeo.

### ESPECULAÇÃO

O mais grave no controle desses decretos e alvarás é o modo como são utilizados pelas transnacionais. Praticamente de graça, já que aproveitam o trabalho dos garimpeiros que descobrem as áreas ricas e conseguem, no Departamento Nacional de Produção Mineral um decreto de lavra ou alvará que dá direito à exploração de uma determinada área.

Em muitos casos, as multinacionais deixam essas jazidas intocadas, servindo de reserva estratégica para suas matrizes, sem que o Ministério das Minas e Energia tome qualquer providência para resguardar os interesses da Nação.

O estudo dos técnicos do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem) conclui que o sistema existente no Brasil permite que as empresas de mineração tomem-se verdadeiras donatárias dos direitos minerários. Eles chamam atenção para o fato de a sociedade não possuir nenhum instrumento de decisão ou de controle destas empresas.

Lembram ainda que não se pode perder de vista que os recursos minerais, por preceito constitucional, são patrimônio da Nação. Na opinião dos técnicos do Cetem, o direito de exploração dos recursos minerais do subsolo não deve ser encarado apenas como um sacrifício que o empresário faz, mas como uma concessão da União, pela qual o beneficiado deve satisfação à sociedade.

A empresa, tanto a nacional quanto a estrangeira, afirmam, deve responder pela exploração não predatória, pela preservação do meio ambiente, pela fixação no País das riquezas auferidas, além de contribuir para o bem estar da coletividade.

## Aviões e campos clandestinos para roubar pedras e minérios

As "entidades religiosas" transnacionais, finalmente começam a sofrer uma minuciosa investigação, pois organizações como a norte-americana Asas do Socorro, tem objetivos muito mais rendosos do que salvar almas em regiões inóspitas.

A associação da entidade "missionária" com o contrabandista Antônio Carlos Calvares levou a Polícia Federal a descobrir o que esses "generosos" norte-americanos fazem próximo aos garimpos e as fronteiras brasileiras. Calvares garante que a entidade avalizava os cheques utilizados pelo contrabandista Mark Lewis para comprar pedras preciosas.

Outro significativo elo entre a Embrame e a Asas do Socorro são as doações que Calvares fazia à entidade, incluindo-se aí até mesmo peças de aviões. Um detalhe de fundamental importância: a organização, que tem sede na Califórnia, possui cinco aviões monomotores e campos de pouso em várias cidades como Boa Vista, em Roraima; Anápolis, em Goiás, e na fronteira com a Colômbia.

Há muitos anos "a instituição", conhecida na matriz como Mission Aviation Fellowship, chama a atenção de funcionários das estações que circulam pela Amazônia, apesar de seus missionários jurarem que "trabalham apenas ajudando seus colegas que convivem com os índios".

O depoimento do geólogo Breno Augusto dos Santos, publicado na revista Isto É, confirma que a atuação das Asas do Socorro é, no mínimo, muito suspeita. Breno, que hoje é um dos diretores da Docego, subsidiário responsável pelas pesquisas da Companhia Vale do Rio Doce, relata o contato que manteve com os missionários na década de 70, na fronteira com a Venezuela:

**Atividades missionárias freqüentemente se juntam com grupos contrabandistas, buscando formas de aprofundar suas atividades, aparentemente legitimadas pela mística religiosa.**

— Eles eram muito estranhos, calados. Tinham um campo de pouso no meio da mata, mas nós nunca soubemos o que faziam lá. Assim como o geólogo, o deputado Gabriel Guerreiro, do PMDB do Pará, também esbarrou no misterioso grupo, em 82, próximo à Serra das Andorinhas, no sul do Pará. É interessante lembrar que os locais dos dois encontros são ricos em ouro, diamantes e minerais.

As desconfianças em torno da Asas do Socorro são tamanhas, que num editorial, o jornal A Crítica, do Amazonas, aponta a organização como um apêndice da Summer Institute of Language, entidade religiosa norte-americana expulsa do México e da Venezuela sob suspeita de ser a vanguarda da prospeção mineral de várias multinacionais.

Como não poderia deixar de ser, os dirigentes da organização negam qualquer participação em transações ilegais. Ouvido pela revista Isto É, em Anápolis, o secretário-geral da Asas do Socorro, professor Edson oliveira, assegurou: "Nós não temos nenhuma atividade com ouro ou pedras, não avalizamos cheques

para Calvares e nem possuímos campos de pouso na Amazônia".

Segundo Oliveira, sua organização, que tem 13 filiais espalhadas pelo País, só está relacionada com o contrabando de esmeraldas, porque Mark Lewis, preso em Miami, é filho e irmão de integrantes da entidade. Apesar da tranquilidade do professor, os "missionários" começam a se complicar, pois fiscais goianos que inspecionaram os livros de contabilidade da Asas do Socorro descobriram várias irregularidades.

Mas a situação dos "caridosos" norte-americanos passa a ficar difícil a partir da decisão da Funai de proibir que a entidade opere estações de rádio e aeronaves ou mantenha pessoal em qualquer área indígena até que a Polícia Federal apure o seu envolvimento com o contrabando de jóias e minérios.

Ao explicar sua decisão, o presidente da Funai, Gerson Alves, disse que está disposto a terminar com a atuação das missões evangélicas estrangeiras entre os índios brasileiros. Por isso, não renovará o convênio com o Summer Institute of Language, que termina em outubro. Gerson esclareceu que durante o governo militar, as delegacias regionais da Funai tinham autonomia para celebrar convênios, como os que foram feitos com o Summer, e que facilitavam a atividade clandestina da Asas do Socorro nos parques indígenas.

Vale observar que a Asas atua nas regiões indígenas próximas às fronteiras do Brasil com a Venezuela, Colômbia, Peru, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, sempre valendo-se do Summer e das missões religiosas que matam convênios com a Funai. Mais um detalhe: o Summer Institute já foi expulso de 71 países, invariavelmente acusado de espionagem.

## Garimpeiros esperam providências do Governo

"O País tem que lutar por sua soberania agora, pois corremos o risco de deixar uma triste realidade para o futuro". Este temor foi manifestado pelo presidente do Sindicato Nacional dos Garimpeiros (SNG), Roberto Ataíde de Souza. Ele espera que a nova Constituição delimite a exploração do solo brasileiro por empresas multinacionais.

Na opinião de Ataíde, os constituintes têm de se conscientizar da necessidade de colocar dispositivos que garantam a reserva mineral brasileira. O dirigente sindical considera que determinados minérios de importância estratégica

não deveriam estar sob controle do capital estrangeiro, já que a soberania tecnológica do País está em jogo.

"Os minérios energéticos, como o urânio e o xisto betuminoso, deveriam ser totalmente estatizados e a participação das multinacionais se dar de acordo com os interesses internos e não como acontece hoje", propõe Ataíde. Ele acredita que se o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) tivesse uma atuação responsável, poderia avaliar e delimitar os investimentos estrangeiros na produção de minérios do País.

As multinacionais são im-

portantes, acrescenta Ataíde, mas devem estar presentes apenas nos projetos que interessem ao Brasil e trazendo tecnologia que possa desenvolver nossas técnicas de extração. Ele pede também mudanças no Código de Mineração.

"É preciso que seja criada a condição jurídica do achado mineral, o que iria estimular a descoberta de novas jazidas e acabar com a exploração dos garimpeiros que atualmente apenas servem de guias para as grandes empresas", revela o presidente do SNG, que denuncia ainda a especulação feita com os decretos de lavras.